

9. Prelúdio à entrevista com Eurídice Figueiredo

Vanessa Massoni da Rocha

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

ROCHA, V. M. Prelúdio à entrevista com Eurídice Figueiredo. In: *Tradução em (ent)revista: Simone Schwarz-Bart e as tradutoras brasileiras* [online]. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2021, pp. 79-80. Letras UERJ collection. ISBN: 978-65-991111-5-0. <https://doi.org/10.7476/9786599111150.0009>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

9.

Prelúdio à entrevista com Eurídice Figueiredo

Santa Teresa, Rio de Janeiro, 16 de agosto 2017, quinta-feira.

Flash-back. 27 de julho de 2017. Eurídice responde a meu convite para a conversa sobre a tradução, por e-mail: “Sinto decepcionar você, mas não tenho muito o que dizer sobre essa tradução que fiz há tanto tempo. Me lembro vagamente de algumas dificuldades, mas isso acaba em cinco minutos. A menos que você consiga tirar água da pedra.”

Insisto. Eurídice marca um encontro em Santa Teresa, onde mora. Nem menciono o fato de ter medo de dirigir em Santa Teresa, ainda mais em dia chuvoso e de luminosidade reduzida. Minimizo o desconhecimento dos largos e de como dirigir no bairro. Estaciono em frente à escola Machado de Assis e saio do carro para tentar calcular se há espaço suficiente entre o carro e os trilhos do trem, mesmo sem saber se o bondinho passa efetivamente naquele trecho. Seguimos em busca de um café agradável para conversarmos. Café fechado. Paramos numa padaria e tomamos café e suco de laranja. Decidimos voltar

para o apartamento de Eurídice e nos instalamos no escritório. Pela janela, vejo o carro e a escola Machado de Assis. Ainda não descobri se por ali passa o bondinho. De toda forma, tudo bem com o carro. Para voltar para Niterói, tenho que descer por onde?

Eurídice tinha sido minha professora do Mestrado em Literaturas Francófonas na Universidade Federal Fluminense em duas disciplinas em 2000. Poder bisbilhotar sua biblioteca não deixava de ser inusitado. Quando fui sua aluna, não fiz cursos dedicados à literatura antilhana nem soube, à época, de sua tradução do romance de Simone Schwarz-Bart. O meu reencontro com ela quase vinte anos depois de ter sido sua aluna se imbricava a outro encontro, o da tradutora com a obra traduzida. Transformar os cinco minutos anunciados em uma conversa. Tentar suprir as lacunas da memória, como sugere Paul Ricœur, para transformá-la em um discurso que se articula em torno de lembrar, esquecer, associar.

No caminho de volta para Niterói ouço na rádio que o Flamengo fez empate sem gols com o Botafogo pela Copa do Brasil.